

## “Mulheres, mestres de tolerância?”

### Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol

Pós doutoranda PPGFIL - UnB

Gigliola Mendes

Doutoranda PPGFIL - UnB

**Resumo:** trata-se de uma exposição teórico-metodológica da oficina sobre Mulheres e religião, que ocorreu durante a Semana de Filosofia da UnB.

**Palavras-chave:** oficina do conceito, tolerância, diálogos interreligiosos, feminismo.

**Riassumo:** si tratta di una esposizione teorico-metodologica dell'officina su Donne e religione, realizzata durante la Settimana della Filosofia della UnB.

**Parole chiave:** officina di concetti, tolleranza, dialoghi interreligiosi, femminismo.

## 1. Introdução

A oficina *Diálogos inter-religiosos* aconteceu durante a *45ª Semana da Filosofia da UnB* (5-9 de junho 2017). Colaboramos, para a sua realização, com o grupo de estudantes do programa do PIBID do departamento de Filosofia da UnB, coordenado pelos professores e doutores Pedro Gontijo e Priscila Rufinoni. Participaram da oficina os alunos de

escolas de Ensino médio da *Secretaria de estado de educação do Distrito Federal* (especificamente, do CEM 01 do Paranoá; CEM 01 de Sobradinho)<sup>1</sup>, a professora Anilda Maria Gonçalves dos Santos (professora aposentada de história e ensino religioso da SEDF), a mãe de santo Ruth Dbessein e a pastora Wall Moraes, da *Assembleia de Deus Liberdade e Vida*.

Esta atividade representou a primeira ocasião de atuação para um grupo de estudo que se constituiu informalmente no final do ano passado, no Departamento de Filosofia da UnB. O grupo tem como principal tema de pesquisa o imaginário territorial, político e social e inclui, além das autoras do presente trabalho e da professora Priscila Rufinoni, o professor doutor Herivelto Sousa. Ao longo dos últimos meses, outras pessoas contribuíram com os trabalhos do grupo, em conversas pontuais e em encontros organizados por nós, que aconteceram antes e também depois da realização da oficina: sejam aqui mencionadas (e agradecidas) a professora doutora Raquel Imanishi (FIL UnB); a professora doutora Ana Miriam Wuensch (FIL UnB); o professor doutor Alex Sandro Calheiros (FIL UnB); o professor Marcelo Mari (*Departamento de Artes Visuais* UnB); o professor doutor Pedro Gontijo (FIL UnB); a educadora física e professora de canto Eminy Barretos; a doutora em psicologia e professor da SEDF Julia Cristina Ribeiro, professora nos cursos de formação continuada sobre deficiência intelectual e inclusão, na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE); o doutor em educação e professor da SEDF Erisevelton

---

<sup>1</sup> Os estudantes do PIBID que participaram, de várias formas, das oficinas, foram: Alisson Oliveira da Silva; Allyson Flores; Amanda Nunes Freitas; Dayane Cristina Santos Ferreira; Eduardo Soares; Felipe Matos Lima Melo; Gabriel Alves; Gabriela Aparecida Silva Lima; Iasmin Leiros Sarmiento da Silva; Iury Souza Perroni Silva; João Grau Cury; Laísia Santos Barros Pereira; Lucas Oliveira Ferreira; Lucian Rodrigues de Freitas; Luciano Gonçalves de Sousa; Maria Clara Rodrigues Rocha; Michelly Alves Teixeira; Núbia Nunes Batista; Patrick Victor Saldanha de Souza; Paula Cristina Moreira Calazães; Rafael Augusto Abreu Sales Nascimento; Rafaela Aparecida Silva Lima; Rodrigo Azevedo Cassiano; Tayara Sousa; Vitória Nara de Freitas Paulo. Lembramos também dos docentes supervisores dos estudantes Heitor Pereira da Silva; Lucianny Maria de Oliveira Araújo; Antônio Kubistchek; Vinicius Silva de Souza; Jaine Alves Panta Costa. Agradecimentos especiais a Antônio Kubistchek por ter participado ativamente da oficina, ao Vinicius por oferecer uma oficina de fanzine no mesmo evento e a Jaine, por ter trazido seus estudantes para o encontro.

## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

Silva Lima, professor nos cursos de formação continuada sobre avaliação e pesquisa, na EAPE; Tiago Perpétuo e Maurício Goulart, respectivamente, historiador e arquiteto do IPHAN-DF. Por fim, a contribuição do doutor Luca Mori, pesquisador da Universidade de Pisa, que, embora a distância, está sendo fundamental para o grupo de pesquisa, uma vez que o projeto de extensão elaborado por tal grupo se inspira no trabalho conduzido por Mori – *Il gioco delle 100 utopie* – com crianças de diversas escolas da Itália.<sup>2</sup>

Talvez pareça inusual ao leitor deste artigo se deparar com uma longa lista de nomes e pessoas na introdução de um texto que se propõe a ser uma reflexão filosófica. Quando agradecimentos aparecem, nos artigos publicados em revistas filosóficas, estão, via de regra, literalmente às margens da exposição. São apresentados numa nota de rodapé e as pessoas que contribuíram com a composição de um texto são quase sempre apenas "autores de livros", viventes e não, ambos distantes de quem escreve em força da mediação da palavra escrita. A prática de leitura, estudo e interpretação de texto é, com certeza, parte integrante, fundamental e necessária, do grupo de trabalho que realizou esta oficina. Contudo, pareceu pertinente iniciar a reflexão destacando o significado e a contribuição fundamental que a prática concreta de conversa e de trabalho coletivo representou para a elaboração e realização da proposta. Neste sentido, a lista apresentada ainda é demasiado curta. Ela deveria mencionar os nomes de todos os alunos e estudantes que participaram da oficina, assim

como, de todas as pessoas, que dentro e fora da escola, dentro e fora da universidade, contribuíram para a formação das pessoas envolvidas no trabalho do grupo. Considerar o diálogo o momento central da prática filosófica; a construção coletiva como objetivo primário do trabalho filosófico, aproveitando, no trabalho comum do quanto é compartilhado, em termos de formação teórica e experiência pedagógica e vivencial, sem calar os desacordos e valorizando uma perspectiva genuinamente plural: eis uma definição de prioridades que caracterizou desde o começo os trabalhos deste grupo. Em seguida, pretende-se tornar públicas algumas reflexões desenvolvidas pelo grupo durante a preparação, a realização e em seguida a oficina mencionada acima, ilustrando desta forma aspectos mais gerais do trabalho desenvolvido em conjunto, dos propósitos que o inspiram e dos pressupostos teóricos que o fundamentam, assim como alguns dos resultados alcançados até este momento.

### 2. A oficina "Diálogos interreligiosos": o tema, a estrutura da oficina e as fases de atuação

#### 2.1 O tema. Entre tolerância e diálogo

O tema da oficina foi dado, basicamente, pela ocasião: a Semana da Filosofia do Departamento de Filosofia da UnB deste ano tinha como objetivo investigar os pressupostos e os desdobramentos da Reforma Protestante, 500

---

<sup>2</sup> Luca Mori trabalha desde 2005 em creches e escolas do ensino fundamental, na Itália. Enfoque da sua pesquisa teórica e das atividades realizadas com as crianças é a intenção de utopias, isto é a construção coletiva de uma comunidade imaginária justa, que promova o bem estar dos seus membros. As crianças aprendem, conversando entre si, a imaginar mundos possíveis, exercitando, ao mesmo tempo, o senso crítico em relação à sua realidade política e social. O jogo das 100 utopias foi ideado por Mori em 2015, com o objetivo de realizar uma exploração sistemática do imaginário político e social de crianças entre 6 e 11 anos na Itália. (MORI, 2017, veja-se também o site web: <http://www.giocodelle100utopie.it>).

## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

anos depois do seu início.<sup>3</sup> Quando se optou por realizar uma atividade que abordasse o tema da tolerância, tratou-se então de uma escolha quase óbvia e natural. É notório quanto a reflexão filosófica moderna sobre tolerância esteve significativamente impulsionada pela necessidade de oferecer uma solução teoricamente adequada e concretamente praticável para os conflitos políticos e militares que se desencadeiam na Europa em consequência das transformações políticas e sociais, geradas, inicialmente, pela separação da igreja de Roma das igrejas luterana, anglicana e calvinista, e, em seguida, pelas disputas entre diferentes grupos de matriz cristã, incluindo não apenas as igrejas mencionadas acima, mas também as congregações religiosas menores por tamanho e poder, mais ou menos aceitos ou perseguidos como heréticos pela igrejas maiores. Simbolicamente, o 31 de outubro de 1517 representa o marco temporal para o começo deste processo, com a exposição por parte de Martin Lutero, monge dominicano alemão das célebres 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittemberg (CHRISTIN, 1995). A noção moderna de tolerância, contudo, já vai emergindo nos anos imediatamente anteriores à Reforma, exemplarmente nas obras do humanista cristão Erasmo de Roterdã, se desloca e se amplia ao longo da modernidade, incluindo não apenas posicionamentos religiosos, mas também, de forma mais geral e complexa, questões políticas, éticas, de raça, gênero e sexualidade, culturais.

De acordo com Forst (2013), a história da noção de tolerância moderna pode ser reconstruída segundo de dois diferentes modelos: uma concepção baseada na permissão (*permission conception*) e uma baseada no respeito (*respect conception*). De acordo com o modelo permissivo, tolerância representa uma

concessão, por parte de quem detém o poder, a incluir, completa ou parcialmente, indivíduos e grupos que estavam inicialmente excluídos, de diferentes formas da vida política e social de uma comunidade. Forst exemplifica este modelo de tolerância mencionando o Edito de Nantes (1598), que ratifica algumas permissões feitas pelo rei de França Henrique IV à comunidade dos huguenotes franceses. A tolerância, como forma de respeito, implica uma relação mútua e de igualdade entre sujeitos. Pierre Bayle, no pensamento moderno, representa, segundo Forst a primeira proposta de um critério de tolerância baseado nesta perspectiva.<sup>4</sup> Diferentemente de Forst, a estudiosa norte americana Wendy Brown (2006) ressalta de forma radical o nexo entre tolerância e poder, nexo que, contudo, no discurso da tolerância tende a ocultar-se. De acordo com Brown, a tolerância tende a funcionar discursivamente como se não tivesse nada a ver com o poder, quando de fato ela é basicamente um instrumento de dominação. O modelo de Brown recupera, em certa medida, a noção de *tolerância repressiva*, elaborada por Herbert Marcuse (1969), e a ligação entre tirania e tolerância explicitada por Mirabeau, em frente da *Assembleia Nacional Francesa*, em 1798. Com ressalta Marramao, a tolerância, entendida nesta forma, pressupõe uma autoridade que não pode ser colocada em discussão: o tolerar o outro implica uma desvalorização das suas posições, toleradas, mas não reconhecidas. Os novos sujeitos da tolerâncias, isto é, os movimentos sociais que operam, a partir dos anos 60 nas sociedades democráticas ocidentais (mas também, podemos acrescentar, na América Latina) deslocam o eixo das suas reivindicações "do plano 'vertical' da

<sup>3</sup> As atividades da Semana estão documentadas em: <http://semanafil.com.br>

<sup>4</sup> O trabalho de Forst (2013) oferece ao leitor uma reconstrução detalhada da história da noção de tolerância, inclusive das suas formulações na antiguidade e na Idade Média.

## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

luta pela tolerância ao plano 'horizontal' da luta pelo reconhecimento" (MARRAMAIO, 2017).

Em um debate com Forst (2014), Brown exemplifica como tolerância se torna instrumento de poder nas sociedades contemporâneas, apresentando uma série de casos muito claros e tornando manifesto o questionamento da tolerância que norteia a sua pesquisa:

Então, estou interessada, por exemplo, em por que o New York Times declarou a eleição de Barack Obama [em 2008] um triunfo de tolerância, uma declaração que discursivamente re-marginaliza o objeto, a personalidade Negra, que pretende absorvê-la, igualá-la ou emancipá-la. Estou interessada nos museus ultra-sionistas da Tolerância em Los Angeles, Nova York e, em breve, em Jerusalém, e como eles usam o manto da tolerância para o projeto explícito de santificar Israel e demonizar a Palestina. Estou interessada em por que a maioria dos europeus hoje associa metonimicamente a tolerância com o problema dos imigrantes, e como o discurso da tolerância funde cultura e religião e também torna a cultura e a religião questões ontológicas, exigindo tolerância no próprio nível do ser. Estou interessada em como os Países Baixos conseguiram tornar a tolerância da nudez e do sexo gay em um limiar da cidadania para os seus imigrantes árabes. Estou interessada em como e porque o individualismo, o secularismo, o esclarecimento, a civilidade (*civility*) e a tolerância estão todos ligados ao discurso civilizatório, de modo que a democracia liberal ocidental se torna idêntica à tolerância e, assim se purifica dos seus episódios históricos de escravidão, colonialismo, imperialismo, e fascismo; enquanto isso, o Islã, nesse mesmo discurso, se identifica implacavelmente com a intolerância. Estou interessada em como a tolerância foi implantada nos anos de 2001 a 2004 para justificar as invasões dos EUA e da Grã-Bretanha no Afeganistão e no Iraque. (BROWN, FORST 2014, p. 18-19).

Em vista da definição do tema da oficina, no contexto dos trabalhos preparatórios foi especialmente ressaltado o fato que a noção de tolerância tende a expressar uma atitude passiva,

ou de suportação (do latim *tolerare*) do outro. Em outras palavras, o tolerante não procura necessariamente o encontro e o diálogo, nem está necessariamente interessado em aprofundar o conhecimento e a compreensão de religiões e práticas religiosas diferentes da própria. Modelos como o diálogo e a convivência sugeririam, ao contrário, a verdadeira disponibilidade ao conhecimento e à troca, numa atitude de recíproco entendimento e compreensão dos envolvidos. Em rela o a isso, surgiram algumas perplexidades a respeito da decisão de deslocar o enfoque do encontro: do tema da tolerância   questão do diálogo. Pensar em tolerância religiosa hoje, contudo, não consiste somente em uma reflexão que considera o respeito   crença alheia e a abertura ao diálogo, mas também uma busca por compreender os fatores que podem impedir o diálogo, como de fato muitas vezes hoje acontece, abordando questões de gênero, classe e raça, além de orienta o sexual, território, gera o, etc. Isto significa que   necessário considerar a problemática complexa da constru o social das religiões, questionando quais são os obstáculos   constru o de rela es horizontalizadas entre pessoas com perspectivas diferentes.

Não sem algumas perplexidades optamos por aceitar a sugestão dos organizadores da *Semana da Filosofia*, intitulando a oficina *Diálogos interreligiosos*. Como ressalta Fabris (2012, p.136), o tema do diálogo, mais precisamente do diálogo interreligioso (a história da reflexão sobre diálogo, as suas condi es de possibilidade, as metodologias adotadas para realiz -lo)   um tema dos mais estudados da pesquisa recente sobre religião (CASPER 2008, DI NUOSCIO 2001, FABRIS 2001). De fato, esta denomina o, neutra e clara, tinha a vantagem de tornar o tema da oficina imediatamente acessível, para os participantes e também para o público eventualmente presente, embora não permitisse



## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

colocar a própria noção de tolerância ao centro do questionamento, no contexto da oficina.

Contudo, colocamos no centro da proposta a figura da mulher, convidando apenas representantes femininas das várias religiões, e construindo assim um pano de fundo para a discussão diferente, senão abertamente em conflito, com a situação do país real. Abordar desta forma as relações entre as mulheres e as religiões e vice-versa nos pareceu um instrumento potente para revelar questões silenciadas ou ocultadas e que poderiam ser relevantes para um aprofundamento do tema em debate, uma vez que “historicamente, os homens dominam a produção do que é 'sagrado' nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação” (ROSADO, 2005). Enquanto os homens, no interior das diferentes religiões, atuam principalmente em posições diretivas, na elaboração das normas, regras e doutrinas, as mulheres estão “no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso.” (ROSADO, 2005).

Objetivo da oficina foi então interrogar o universo das religiões através de uma perspectiva feminista, revelando o tensionamento entre feminismo e religiões<sup>5</sup>, construído principalmente a partir da segunda onda do feminismo (década de 60 em diante), período em que, principalmente nas ciências humanas, desenvolveram-se importantes estudos feministas sobre diversas matrizes

religiosas e foram publicadas obras de teologia feminista.

As religiões têm, implícita ou explicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos (ROSADO, 2005).

Os papéis sociais de homens e mulheres presentes nos princípios das inúmeras religiões são predefinidos e essencializados, porque baseados em uma visão fundamentada em uma ordem não humana, não histórica, em dogmas (eternos), que definem a maternidade como compulsória e o papel subordinado das mulheres como parte de sua natureza feminina (e elemento fundamental da definição de papéis sociais de gênero). Buscando contrapor-se a essa perspectiva, que gênero se torna uma categoria de análise fundamental para compreender a invisibilidade histórica das mulheres nas religiões e para perceber como as atividades simbólicas (crenças, ritos, discursos religiosos) são moldadas pela diferenciação sexual. Revelar o aspecto construído do lugar das mulheres nas religiões e se contrapor à suposta natureza feminina, mostrando como as concepções sobre o que é ser mulher variam ou podem variar histórica e culturalmente, tornou-se um passo indispensável para novas relações entre as mulheres e as religiões.

---

<sup>5</sup> Com o desenvolvimento dos estudos feministas sobre as diferentes religiões muitas questões, antes pouco problematizadas, foram colocadas à tona, o que representou uma nova relação das mulheres pesquisadoras (e conseqüentemente com sacerdotisas e praticantes, que se transformaram com a reflexão feminista) com a história das religiões, com os textos sagrados (livros ou cosmologias de cultura oral) e os rituais e práticas religiosas. Perguntas como as que citaremos a seguir tornaram-se relevantes nas pesquisas: A presença da mulher nos textos sagrados: como as mulheres são definidas nos diferentes textos sagrados? Há várias formas (inclusive contraditórias) de defini-las? O que determina essas diferentes definições? As mulheres atuando nas diferentes religiões: em quais religiões há sacerdotisas? Desde quando as mulheres puderam atuar nas religiões como sacerdotisas? Há sacerdócios em que as mulheres ocupam posições de poder e decisão e há aqueles em que elas são comandadas por homens? A presença das mulheres nas religiões modifica o projeto religioso no qual se inserem? Como explicar que, apesar das desigualdades de gênero nas religiões, a presença feminina nas igrejas, templos e terreiros é tão elevada?

## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

Como nos mostra Rosado (2001), o debate feminista acerca das religiões no Brasil ocorreu principalmente no campo cristão, tanto católico quanto protestante. Dessa forma, considerando uma perspectiva de protagonismo das mulheres nas religiões cristãs buscamos trazer, para o momento da oficina, representantes femininas que pensam e atuam em espaços religiosos para, a partir de suas experiências, compreender como vivenciam, enfrentam e problematizam sexismo, machismo e misoginia das religiões, no passado e na atualidade. Além de destacar a memória de algumas mulheres, invisibilizadas pela história oficial, mas que fizeram parte do período da Reforma – Catarina Von Bora, Catarina Schutz Zell, Claudine Levet, Marie Dentièrre e Rachel Specht –, ultrapassando o ideal feminino desse período, ao atuar em posições de protagonismo, na luta por uma Igreja reformada. A oficina, com seu tema mulheres e religião, buscou ser uma centelha para a problematização das inúmeras questões filosóficas que estão por trás de uma reflexão realmente profunda e contemporânea acerca de diálogos interreligiosos.

### 2.2 A estrutura da oficina e as fases de atuação

A oficina foi realizada no Campus Darcy Ribeiro da UnB, no auditório da ADUNB, uma sala grande, com um amplo palco de madeira. Os aproximadamente 100 alunos foram recebidos pela equipe do Programa de iniciação à docência (PIBID) e do grupo de pesquisa em pensamento italiano. A equipe, o tema, a metodologia e os objetivos da oficina foram apresentados sucintamente. Em seguida, perguntas iniciais foram apresentadas aos participantes da oficina, para mostrar a complexidade das reflexões decorrentes do tema gerador da oficina. Tais perguntas introduzem o livro "Mulheres e religiões" da canadense Denise Veillette, de 1995: "Por que a hierarquização social dos sexos? Por que a

ocultação das mulheres? Por que a apropriação masculina do sagrado? Como explicar que, historicamente, um gênero, o masculino, tenha podido controlar os ritos e as práticas, os discursos e as crenças bem como as representações de Deus, majoritariamente, para não dizer exclusivamente? (VEILLETTE *apud* ROSADO, 2001, p. 89).

Nesse primeiro momento, não tínhamos o objetivo de apresentar respostas às questões suscitadas. Nosso objetivo era motivar a participação dos estudantes em nossa proposta pedagógica. No entanto, abriu-se um pequeno espaço para as pessoas comentarem as perguntas lançadas e sanar suas dúvidas. Em seguida, os alunos ocuparam o palco e, depois de terem se distribuído espontaneamente em 10 grupos, começaram a trabalhar com materiais elaborados por nós, nas semanas anteriores ao evento. Cada um dos grupos era moderado por um ou dois estudantes do programa PIBID.

Os materiais entregues aos alunos foram uma pequena coletânea de textos e de imagens: a descrição da religião dos Utopianos, da *Utopia* de Thomas More; dois trechos do *Gênesis* (1, 26-28; 2, 18-23) relativos à criação do homem e da mulher; os versículos 34 e 35 do capítulo 14 da *Primeira Carta* de Paulo aos Coríntios (ambos citados segundo a *Bíblia* de Jerusalém); o conto "Oxum faz as mulheres estéreis em represália aos homens" (PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.345); a instituição dos povos na terra, a partir de relatos de crianças Ticunas (*O Livro das árvores*, São Paulo: Global, 2000); um breve texto sobre umas pinturas da Idade média que representavam a criação da mulher e o espelhamento entre Eva e a serpente, do medievalista Hilário Franco Junior; uma representação da pintura *Três Orixás*, de Dijanira (Pinacoteca do Estado de São Paulo), algumas tirinhas sobre os temas religião, mulheres, respeito às outras religiões;

## **“Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva**

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

imagens de Orixás femininas pelo desenhista Carybé. Estes textos e figuras, impressos em folhas formato DIN A4, foram distribuídos entre os alunos, junto com canetas, lápis coloridos, tesouras, cola, papel branco em formato DIN A 4 e um cartaz em formato DIN A2.

Os alunos tiveram duas horas para ler, observar e discutir sobre os textos e as imagens, preparando durante a discussão um cartaz. A preparação do cartaz foi livre: os alunos podiam utilizar todos os materiais a disposição (também recortar e colar no cartaz os textos e as imagens disponibilizadas). Apresentou-se uma única tarefa a ser cumprida: formular uma pergunta, que resumisse o resultado do trabalho coletivo. Tal pergunta deveria ser visualizada, de qualquer forma, no próprio cartaz.

Na segunda parte da oficina, realizada depois do intervalo para o almoço, foram convidadas a subir no palco a professora Anilda Maria Gonçalves dos Santos, a mãe de santo Ruth Dbessein e a pastora Wall Moraes. Os alunos participaram desta fase do evento sentados nas poltronas da sala e o evento foi aberto ao público. Os cartazes realizados por eles ficaram expostos, em cima do palco. As três convidadas se apresentaram, introduzindo algumas reflexões sobre diálogo interreligioso (incluindo os desafios para a concretização deste diálogo) e, mais especificamente, sobre a visão da mulher na sua própria religião. No final das apresentações, foi dada a palavra aos alunos. Foram lidas algumas das perguntas formuladas nos cartazes, e cada uma das participantes da mesa foi convidada a responder. Por fim, foi aberta a discussão, permitindo uma troca direta entre público e palestrantes; momento em que, principalmente as alunas e os alunos do ensino médio, puderam expor suas dúvidas sobre as tensões, bastante contemporâneas, entre as religiões

representadas pelas convidadas e questões de gênero, orientação sexual (o lugar das mulheres na religião e a compreensão da homossexualidade e da transexualidade a partir dos princípios religiosos), raça (a problematização da discriminação das religiões de matriz africana e curiosidades sobre seus rituais e princípios) e as diferentes interpretações das escrituras (houve quem questionasse a leitura da pastora e da professora de ensino religioso, quando identificam elementos do machismo em trechos bíblicos e práticas religiosas). A equipe que coordenou e conduziu a oficina buscou apresentar um debate que pudesse enriquecer as perspectivas clássicas sobre a Reforma e ampliar as temáticas que já seriam contempladas nas demais atividades que comporiam o evento. Questionando a quem estaria acessível a livre consciência, mote principal da luta dos reformadores, buscamos tanto apresentar e dar voz aos sujeitos silenciados no contexto da reforma protestante – em especial as mulheres que participaram desse momento de transformação social, política, cultural, intelectual – quanto revelar as concepções dos reformadores sobre as mulheres (pontos contemplados principalmente pela fala da pastora Wall Moraes).

### **3. Algumas considerações sobre planejamento, realização e resultados da oficina, em perspectiva da construção de futuras atividades de extensão**

De forma geral, a experiência da oficina foi proveitosa para todos os participantes, que manifestaram interesse e prazer ao longo da atividade e depois da sua conclusão, embora o trabalho feito ao longo dos meses passados, em colaboração com formadores e professores do ensino médio, assim como de artistas, ainda não reverberou, na realização da oficina, assim como com certeza poderia acontecer, se fosse implementado no planejamento de forma mais estruturada e planejada.

## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

Não reconstruiremos nos detalhes o que ao longo da fase preparatória, da execução e da discussão entre nós dos resultados da oficina foi determinante para a reflexão sobre tolerância. Se mostra aqui, talvez, o limite mais forte desta primeira atuação: o trabalho de documentação, que deve ser realizado paralelamente à atividade desenvolvida, requer a aplicação de uma disposição pouco cultivada pelos filósofos, na formação acadêmica. O processo de interpretação e reflexão é, na filosofia, intensamente treinado em relação à produção textual, mas não igualmente cultivado em relação à observação e a interpretação de experiências, individuais e coletivas, embora não faltem, do ponto de vista teórico, os recursos (pensamos, por exemplo nos instrumentos elaborados pela fenomenologia). Neste sentido, se mostrou nesta primeira atuação a necessidade de fortalecer o planejamento inter- e transdisciplinar da construção da oficina, também no sentido de tornar mais imediatamente evidentes, para os alunos, os conflitos e as aporias da construção coletiva da reflexão filosófica.



*Mesa redonda com a apresentação da professora Anilda Maria Gonçalves dos Santos, da mãe de santo Ruth Dbessein e da pastora Wall Moraes. No destaque, apresentação da pastora Wall Moraes. Foto: Priscila Rufinoni.*

A atividade revelou, por isso, o desafio da tradução da teoria para a prática, questão a que se destina pouca atenção nos cursos de filosofia, mas que é imprescindível, quando o objetivo é pensar e atuar nas atividades de ensino e extensão. O filósofo italiano Antonio Gramsci (1979) enfatiza em seus escritos que o papel ético-político, fundamental, do intelectual é realizar, por meio de um processo dialético de mediação, a tradução da filosofia para o povo – pensando em quais caminhos e atividades práticas permitem essa ação educativa – e dos anseios do povo para as máximas filosóficas – suas ações, reflexões e questionamentos práticos e teóricos sobre sua vida e suas relações hoje. E isso não corresponde a uma postura paternalista ou pedante da professora ou do professor, que diferencia as pessoas entre quem sabe e quem precisa ser ensinado pelos que sabem. Mas uma tentativa de ressaltar a responsabilidade de quem desempenha o papel de mediador(a) no processo educativo: um trabalho de síntese, de escuta e de diálogo profundo com as pessoas reais com as quais se convive e com quem é construído um processo (com forma e conteúdo específicos) que problematize as múltiplas relações que compõem suas vidas e as permita elevar-se culturalmente, a partir do que sabem e são. Nessa perspectiva, as atividades de ensino-aprendizagem, que podem ocorrer em todos os âmbitos sociais, fazem uma opção pelos subalternos e buscam revelar suas histórias e, a partir daí, construir seus processos de superação da exploração, opressão e silenciamento.

A atividade representou, neste sentido, um primeiro passo em direção à pesquisa e à prática da extensão no contexto universitário, área de estudo e atuação ao centro dos interesses do grupo de estudos sobre imaginário territorial, político e social. Do ponto de vista teórico, aproveitamos também da metodologia desenvolvida por Silvio Gallo (2010), por um



## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

lado, e Alejandro Cerletti (2009, 2003), por outro, que representam, no contexto filosófico, as duas elaborações teóricas mais refinadas atualmente praticadas no Brasil. Sobretudo o trabalho de Gallo já tinha sido utilizado como base teórica em outras oficinas desenhadas por Priscila Rufinoni e Pedro Gontijo para o seminário do PIBID UnB, em 2016, quando elaborou-se conjuntamente com os estudantes uma oficina sobre a noção de Ideologia, na qual o conceito (ou conceitos) de ideologia foram apresentados a partir de uma coletânea de materiais diversos tais como textos filosóficos conflitantes (textos de autores políticos, como Michael Löwy, de autores da teoria da ciência, como Rudolf Carnap), tirinhas e *cartuns* da mídia cotidiana, textos sobre a Escola sem partido, letras de música etc. A abertura da oficina, interpretando a etapa de sensibilização proposta por Gallo, foi um vídeo produzido pela aluna Michelly Teixeira, com colagens de cenas sobre os vários eixos em que a ideologia se manifesta, como a política, a ciência, a etnia, o gênero, a educação e a violência social, eixos anteriormente discutidos em grupo com os estudantes. Mas o vídeo foi apresentado sem, entretanto, explicitar a relação entre as imagens, os eixos temáticos e o conceito central norteador. Também como elemento sensibilizador, expusemos cartazes com títulos de livros, feitos pelas estudantes Maria Clara R. Rocha e Iasmin Leiros S. da Silva. Por fim, a oficina foi conduzida pelas alunas Paula Calazães, Nájila Mota e Núbia Nunes Batista e oferecida aos demais estudantes de PIBID de outras áreas. A ideia era recuperar a espessura tensa do conceito, em suas múltiplas vertentes e atuações, da mais conceitual àquela de uso comum, para, por fim, reconstruir o conceito, “ideologia”, como algo vivo, complexo, ativo. Trata-se, evidentemente, de uma reinterpretação da oficina de conceito proposta por Gallo.



*Oficina “Mulheres e religião”, 2016. Foto: Priscila Rufinoni.*

Em comparação com outros métodos de construção de oficinas, este formato apresenta vantagens substanciais, entre outros: não sugerir nem construir dicotomias morais entre visões de mundo, a ser basicamente avaliadas e não compreendidas situacionalmente pelos alunos, fortalecer o diálogo entre os participantes da oficina, favorecer posturas ativas de exposição e escuta. A colaboração com Mori integrou este desenho, introduzindo o elemento do tensionamento entre real e possível. (MORI, 2017, 2016 a, 2016 b, 2012). Como já observado, nesta oficina o caráter utópico da participação das mulheres, à frente de uma realidade de exclusão e discriminação, foi integrado de forma apenas performática, e não foi explicitamente explorado no debate. Igualmente objeto de aprimoramento, nas atuações futuras, é a construção das oficinas em que seja valorizada as diferentes formas de atuação, cada uma caracterizada por uma dinâmica própria e por objetivos distintos (leitura, discussão, aprendizagem, produção individual e coletiva de texto e imagens e escuta). Este aspecto é atualmente objeto de aprofundamento por parte do grupo, em vista de outras oficinas com alunos do ensino médio, mas também abertas a toda a comunidade.



## “Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

### Referências Bibliográficas

- BROWN, Wendy. *Regulating aversion: Tolerance in the Age of Identity and Empire*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- BROWN, Wendy; FORST, Rainer. *The power of tolerance. A debate*. DI BLASI, Luca; HOLZEY Christoph F. H. (Orgs.) New York: Columbia University Press, 2014.
- CASPER, Bernhard. *Il pensiero dialogico. Buber, Rosenzweig, Ebner*. ZUCAL, Silvano (Trad.) Brescia: Morcelliana, 2008.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino da filosofia como problema filosófico*. MÜLLER XAVIER, Ingrid (Trad.) Belo Horizonte: Autêntica editora: 2009.
- . "Ensino de Filosofia e Filosofia do ensino filosófico". In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Orgs.). *Filosofia do Ensino de Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHRISTIN, Oliver. *Les Réformes. Luther, Calvin et les protestants*. Paris: Gallimard 1995.
- DI NUOSCIO, Enzo. *Epistemologia del dialogo. Una difesa filosofica del confronto pacifico fra culture*. Roma: Carocci editore, 2011.
- FABRIS, Adriano. *Filosofia delle religioni. Come orientarsi nell'epoca dell'indifferenza e dei fondamentalismi*. Roma: Carocci Editore, 2012.
- . *La scelta del dialogo. Breviario filosofico per comunicare meglio*. Padova: Edizioni Messaggero, 2011.
- FORST, Rainer. *Toleration in conflict: Past and Present*. CRONI, Ciaran (Trad.) New York: Cambridge University Press, 2013.
- GALLO, Sílvio. "Ensino da filosofia: avaliação e materiais didáticos". In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (Orgs.) *Filosofia. Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 159-170.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MARCUSE, Herbert. "Repressive Tolerance". In: WOLFF, Robert Paul Wolff; MOORE, Barrington, jr., MARCUSE, Herbert. *A Critique of Pure Tolerance*. Boston: Beacon Press, 1969, pp. 95-137.
- MARRAMAIO, Giacomo. "Le radici religiose dell'intolleranza. Rileggere Voltaire oggi". In: VOLTAIRE; LOCKE, John. *Intolleranza zero. I testi fondativi della tolleranza*. Firenze: goWare (e-book), 2017.
- MORI, Luca. *Utopie di bambini. Il mondo rifatto dall'infanzia*. Pisa: Ed. ETS, 2017.
- , "Filosofia degli esperimenti mentali. Esplorare i confini del pensabile con bambini e ragazzi". In: *Logoi.ph. - Journal of Philosophy*, n. II, 6, 2016 (a), p. 125- 136.
- , "O que torna filosófica uma conversa – Anotações sobre método para a filosofia com as crianças". BISOL, Benedetta; SOUZA, Herivelto P. (Trad). In: *Revista de filosofia moderna e contemporânea*, vol 4, nr. 2, 2016 (b), p. 122-127.

**“Mulheres, mestres de tolerância?” Anotações sobre o papel da filosofia na formação e sobre a prática filosófica coletiva**

Benedetta Bisol e Gigliola Mendes

—, “Filosofia coi bambini attraverso gli esperimenti mentali”. In: *Childhood & philosophy*, v.8, n.16, 2012, pp.265-290.

ROSADO, Maria José. “Gênero e religião”. In: *Revista Estudos Feministas*, vol, 13, n. 2, 2005.

—, “O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões”. In: *Cadernos Pagu*, n. 16, 2001, p. 79-96.



*Oficina “Mulheres e religião”. Foto: Priscila Rufinoni.*